



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Tiago Marques entre os Salesianos: estratégias de protagonismo

Autoria: Carla Fabiana Costa Calarge (UFGD - Fundação Universidade Federal da Grande Dourados)

O objetivo desta comunicação é analisar a emergência do índio bororo Akirio Kejewu, conhecido como na literatura antropológica como Tiago Marques, em meio a presença missionária salesiana na região do atual Mato Grosso a partir de 1894. Os salesianos produziram uma extensa bibliografia, tanto de works catedráticos, como relatos do que era desenvolvido nas missões e Tiago é apontado como um dos grandes interlocutores dos missionários. Na pesquisa, parte da tese doutoral da autora, surgem outras impressões que rompem com essencialização da filosofia salesiana em sua prática. Analisamos a interação entre os missionários e os jovens meninos indígenas que foram acolhidos nas missões. Akirio, que mais tarde seria conhecido como professor Tiago Marques Aipobureu, nasceu por volta de 1898 e faleceu em 1958. Era do clã Bokodori, metade Ecerae, e é considerado pelos salesianos um dos maiores interlocutores da cultura bororo, mas não colaborou apenas com os missionários. Nos documentos ele é representado tanto como uma figura de resistência como um exemplo de ?assimilação?. Herbert Baldus que esteve entre os bororo na década de 1930, faz um ?diagnóstico? das consequências da justaposição do cristianismo e da religião tradicional a partir do caso de Tiago Marques Aipobureu. O mesmo caso de ?bororo marginal? é discutido por Florestan Fernandes posteriormente, em 1945. As nuances dessa trajetória de vida e o protagonismo assumido por Tiago após o período inicial de educação, assumindo o papel de interlocutor ativo da produção sobre esse povo, são as problemáticas da pesquisa. Apesar das evidentes contradições, o que se observa é que existe um espaço de troca, em que os sujeitos colonizados assumem papel ativo e reelaboram diferenças étnicas, ainda que o contexto seja hierarquicamente desigual para os indígenas. Essa breve comunicação evidencia a condição de excepcionalidade de Akirio em relação aos demais indígenas bororo com que os salesianos mantiveram contato, mas também chama a atenção para outros interlocutores indígenas que emergem no



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

contexto.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: